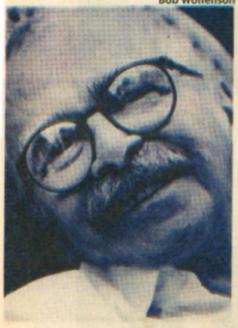


ESCALA DE AVALIAÇÃO
 ★★★★★ Ótimo
 ★★★★ Bom
 ★★★ Regular
 ★★ Ruim
 ★ Péssimo

FOLHA ILUSTRADA

Tel.: 0/xx/11/224-7842
 E-mail: ilustrad@uol.com.br
 Fax: 0/xx/11/224-2284
 Serviço de atendimento ao assinante: 0/xx/11/224-3090

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2000



Série com dez episódios dirigidos por Isa Ferraz vai ao ar em duas semanas

Darcy Ribeiro

“O POVO BRASILEIRO” APARECE NA TV

Livro precisou de 30 anos para ser escrito e foi o grande desafio da vida do antropólogo

FABIO CYPRIANO
 DA REPORTAGEM LOCAL

“Vamos contar essa história para bastante gente”, foi a primeira reação da cineasta Isa Ferraz, quando, em 1995, leu os originais de “O Povo Brasileiro” (Cia. das Letras, 1995), do antropólogo, romancista e político Darcy Ribeiro. Quando leu os originais do livro do antropólogo, com quem trabalhou durante 13 anos, Isa vislumbrou a força imagética das idéias de Darcy Ribeiro e a necessidade de espalhá-las pelo país. Foi o livro da vida de Ribeiro. No prefácio ele conta que precisou de 30 anos para escrever “o desafio maior a que me propus”. Em 1995, Darcy Ribeiro chegou a fugir de um hospital, no Rio de Janeiro, onde se recuperava de uma pneumonia, para se esconder em sua casa de Maricá (RJ), onde terminou de escrever o livro. O antropólogo se encantou pela idéia de levar “O Povo Brasileiro” à TV. Uma semana antes de morrer, em 1997, ele chegou a cobrar de Isa Ferraz como estava o andamento do projeto. Agora, finalmente, “O Povo Brasileiro” chega à TV. Daqui a duas semanas, a partir de 3 de julho, o canal GNT (Net/Sky) transmite diariamente os dez episódios da série (veja as datas ao lado), que no mês de agosto serão também exibidos pela TV Cultura. “Estou feliz por ter cumprido o testamento que o Darcy me deixou”, disse Isa Ferraz à Folha, na última quinta-feira, um dia depois de terminar a edição. O argumento, desenvolvido por Antônio Risério e Marcos Pompeia, analisa a formação dos brasileiros, sua origem mestiça e a singularidade do sincretismo cultural. Além de utilizar depoimentos do próprio Darcy Ribeiro, gravados em 1995, na casa de Maricá, Isa conseguiu reunir um time invejável. O cantor e compositor Chico Buarque de Holanda faz o duplo de Ribeiro. Topou participar sem cobrar cachê e lê trechos do livro. Darcy Ribeiro estava muito fraco durante as filmagens —levou quatro dias para realizar apenas cinco horas de gravação. Sua fala, muitas vezes, é fraca e pausada. Mesmo assim, sua participação é emocionante. Empolgado e teatral, ele é o ator perfeito para representar suas idéias. Sofisticadas são as vinhetas criadas pelo artista plástico Siron

Franco e pelo designer Rico Lins. Elas não são apenas legendas para os programas, mas se integram a eles, mesclando-se à estrutura dos episódios, da mesma maneira que a mestiçagem brasileira, tão elogiada pelo antropólogo. Outro elemento fundamental para a condução da série é a trilha musical criada por Marco Antônio Guimarães. Para cada episódio ele criou um tema, que ressalta a importância da música na cultura brasileira. É encantadora a participação de Gilberto Gil, que em um dos programas canta uma canção composta a partir de um poema de Fernando Pessoa, adaptado por André Luiz de Oliveira. O ufanismo característico de Darcy Ribeiro poderia ter contagiado a narração, o que não foi a opção da diretora. O ator Mathews Nachtergaele deu um tom discreto e contido, próximo do espectador. “Meu objetivo foi fazer um programa complexo, mas não complicado”, diz Isa Ferraz. A diretora conseguiu, de fato, sintetizar as quase 500 páginas do livro em algo claro e conciso. Para tanto, utilizou também depoimentos de pensadores importantes na cultura brasileira, como Antonio Candido (leia abaixo texto inédito), Hermano Vianna, Aziz Ab’Saber, Ariano Suassuna e Eduardo Gianetti (leia trecho do depoimento ao lado). Outro dos pontos altos da série é a pesquisa iconográfica. A cineasta utiliza imagens obtidas em arquivos no Brasil e em cinematografias da França, Portugal e Angola. “Eu não tinha que inventar a roda de novo”, justificou para defender a escolha de imagens produzidas por terceiros. Lá estão cenas realizadas por Jean Manzon e até um momento precioso, quando a cantora Clementina de Jesus dá uma receita de feijoada, durante sua participação no programa “Ensaio”, da TV Cultura. Há também muitas imagens realizadas nos anos 30 e 40, algumas do contato de Darcy Ribeiro com os índios tupinambá. A produção da série foi da Superfilmes e custou R\$ 1,4 milhão, obtido por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com patrocínio da Petrobrás, Odebrecht e Embratel. Uma pequena parcela desse total ainda foi paga pelo canal GNT e pela TV Cultura. Junto a “Música do Brasil”, do antropólogo Hermano Vianna, em cartaz na MTV, “O Povo Brasileiro” traz para a TV um olhar sem estereótipos e clichês. Em um ano de comemorações que pouco tratam do país real, os dois programas apresentam uma das melhores análises sobre a cultura brasileira. Visões plurais e relacionais, a partir de uma das idéias que Darcy Ribeiro defende em um de seus depoimentos: “O mais importante é inventar o Brasil que nós queremos”.

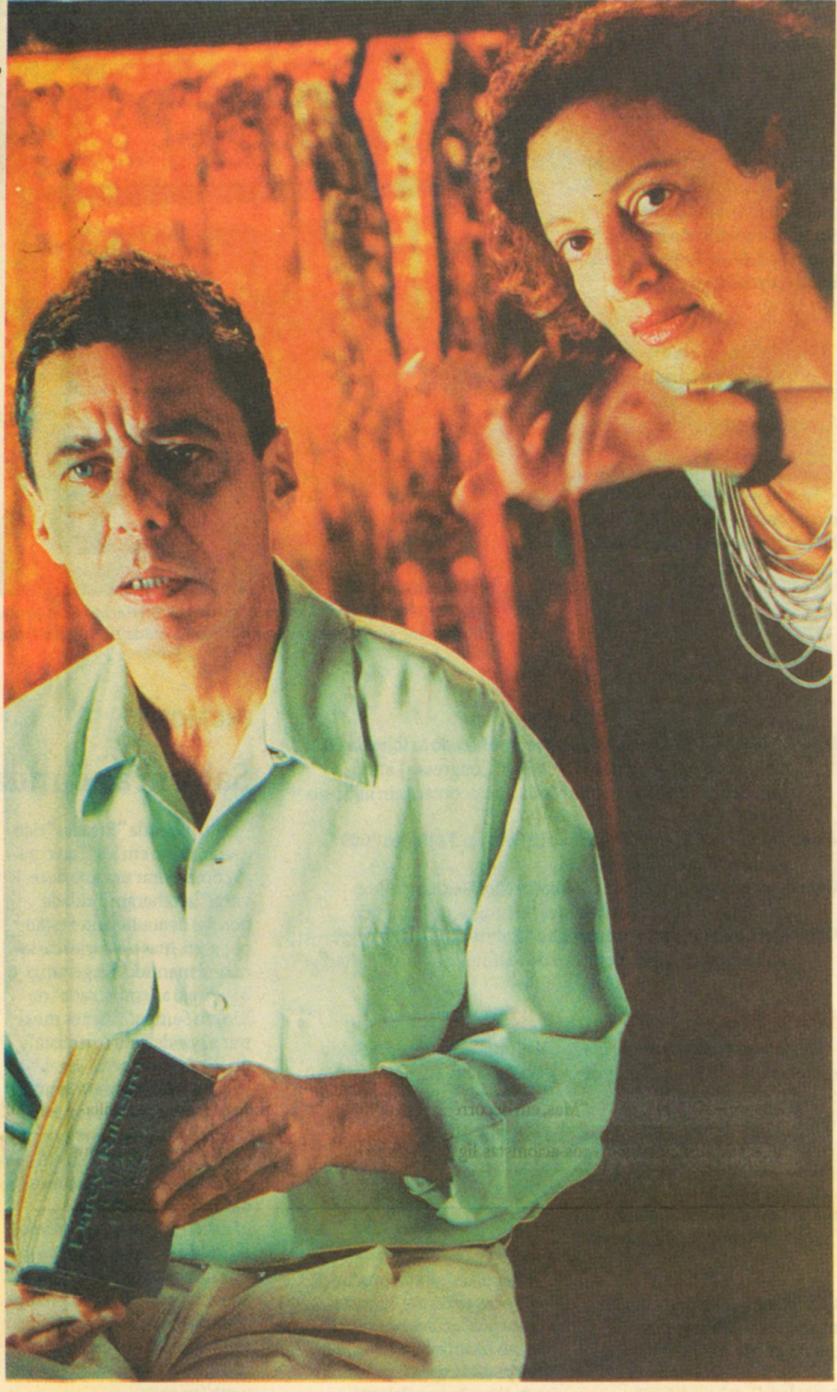
DEPOIMENTO

“Nossa subjetividade é muito exuberante, é muito rica. O Brasil é um laboratório incrível de combinação, de mistura e de encontro racial e cultural; eu acho que não há um outro espaço no mundo que tenha feito tão intensamente uma combinação, uma fusão realmente química, tanto do ponto de vista de etnias quanto do ponto de vista da cultura.”

“O que não deu certo no Brasil é o lado da objetividade, a privação material turva a vida de milhões de pessoas. Agora, precisamos ter a sabedoria também que ele tem uma subjetividade que é notável, que se manifesta na diversidade e multiplicidade culturais, numa espontaneidade e numa anarquia afetiva que tornam a vida aqui algo que vale a pena, não obstante toda a precariedade.”

“Eu acho que a utopia brasileira é exatamente essa de conseguir melhorar o lado objetivo da convivência, reduzindo a desigualdade, melhorando as condições de vida, mas sem abrir mão desse processo de tudo aquilo que nós pensamos e que são os nossos valores, o triunfo da subjetividade.”

Trechos do depoimento de Eduardo Gianetti, no episódio “Invenção do Brasil” de “O Povo Brasileiro”



O POVO NA TV

- “Matriz Tupi” - dia 03/7 (23h); reapresentações dia 4/7 (11h30 e 18h30) e dia 5/7 (4h30)
- “Matriz Lusa” - dia 4/7 (23h); reap. dia 5/7 (11h30 e 18h30) e dia 6/7 (4h30)
- “Matriz Afro” - dia 5/7 (23h); reap. dias 6/7 (11h30 e 18h30) e 7/7 (4h30)
- “Encontros e Desencontros” - dia 6/7 (23h); reap. 7/7 (11h30 e 18h30) e 8/7 (4h30)
- “Brasil Crioulo” - dia 7/7 (23h); reap. dias 10/7 (11h30 e 18h30) e 11/7 (4h30)
- “Brasil Sertanejo” - dia 10/7 (23h); reap. dias 11/7 (11h30 e 18h30) e 12/7 (4h30)
- “Brasil Caipira” - dia 11/7 (23h); reap. dias 12/7 (11h30 e 18h30) e 13/7 (4h30)
- “Brasil Caboclo” - dia 12/7 (23h); reap. dias 13/7 (11h30 e 18h30) e 14/7 (4h30)
- “Brasil Sulinos” - dia 13/7 (23h); reap. dias 14/7 (11h30 e 18h30) e 15/7 (4h30)
- “Invenção do Brasil” - dia 14/7 (23h); reap. dias 17/7 (11h30 e 18h30) e 18/7 (4h30)



No alto, a diretora Isa Ferraz com Chico Buarque; acima, Darcy Ribeiro grava depoimento; à esq., Siron Franco faz vinheta de abertura

ANÁLISE

Personalidade inquieta e ousada

ANTONIO CANDIDO

DARCY RIBEIRO foi sem dúvida um dos maiores intelectuais brasileiros deste século, com a particularidade de ter sido também um grande homem de ação. Ele tinha uma personalidade inquieta e ousada, que o levou a se interessar por alguns dos setores mais importantes da cultura brasileira. Sem falar das obras de sua especialidade de antropólogo, lembro tudo o que fez no setor de educação, não apenas escrevendo, mas criando instituições do

mais alto interesse. É preciso também fazer referência a sua vocação de escritor criativo, cujo principal produto foi o romance “Mayra”. E por último lembremos um dos aspectos mais fecundos de sua atividade, que foram as obras sobre a natureza da história e da sociedade brasileiras, como “O Povo Brasileiro” e “O Processo Civilizatório”. Mas eu não poderia esquecer de um aspecto muito importante do

seu pensamento em relação ao Brasil: o otimismo. Darcy Ribeiro teve a capacidade de sintetizar, numa perspectiva quase eufórica, alguns aspectos que muitas vezes são considerados negativos, como a mestiçagem, a alegria dionisíaca, a mistura de culturas e outros, que ele sabia fundir numa visão construtiva e sem ufanismo. Antonio Candido é ensaísta e crítico literário, autor do clássico “Formação da Literatura Brasileira”